



A FORMAÇÃO DO ADMINISTRADOR E A MORAL DO SUPER-HOMEM: UM ESTUDO COM DOCENTES E DISCENTES DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

ADMINISTRATOR'S FORMATION AND THE SUPERMAN MORAL: A STUDY WITH PROFESSORS AND
STUDENTS OF UNDERGRADUATE DEGREE IN MANAGEMENT

DOI: <http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v6i1.107>

Luiz Alex Silva Saraiva

Universidade Federal de Minas Gerais

saraiva@face.ufmg.br

Claudia Josepha de Souza

Centro Universitário de Sete Lagoas

claudiajosepha@gmail.com

RESUMO

O objetivo nesse artigo é discutir a formação do administrador levando em consideração a perspectiva moral do super homem de Nietzsche. Considera-se necessário resgatar uma discussão sobre essa perspectiva em um quadro de crescentes investidas capitalistas no setor de educação verificadas nos últimos anos. Para a confecção do estudo foi levada a cabo uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo, que se baseou em entrevistas semi estruturadas individuais, efetuadas junto a 12 discentes e cinco docentes do curso de administração de uma instituição de ensino privada localizada em uma cidade de Minas Gerais, material tratado por meio da análise do discurso. Os principais resultados sugerem que as representações sociais dos discentes e docentes em relação à profissão do administrador são associadas ao trabalho técnico e operacional. Em relação à formação do administrador, os dados evidenciam uma preocupação preponderante com as demandas organizacionais, uma vez que relacionam o êxito na sua profissão ao alcance dos resultados na empresa. As conclusões apontam que, no contexto de formação da profissão do administrador, a ética passa a ser a da finalidade, já que é regida pelos os resultados organizacionais.

Palavras-chave: Formação de administradores. Profissão de administrador. Moral do super-homem. Ética.

ABSTRACT

In this paper we deal with formation of administrators taking into account moral perspective of Nietzsche's superman. It is necessary to analyze this subject in a context of growing capitalist influences in education sector in the last years. We carried out a qualitative study, from descriptive characteristics, based on individual semi-structured interviews with 12 students and five teachers of a business management of a private college located in a Minas Gerais (Brazil) city. Collected data was treated through discourse analysis. Main results suggest that social representations of students and teachers about administrator profession are associated to technical and operational work. On administrator formation, data show a main worry about organizational demands, once they associate success on profession to achievement of company results. Conclusions indicate that, in the context of formation of administrator profession, ethics becomes the purpose ethics, once it is defined by organizational results.

Keywords: Administrator's formation. Administrator's profession. Superman moral. Ethics.

Introdução

O objetivo nesse artigo é discutir a formação do administrador levando em consideração a perspectiva moral do super homem de Nietzsche. O interesse pelo tema se deve à observação dos possíveis desdobramentos que as crescentes investidas capitalistas no setor de educação verificadas nos últimos anos têm trazido. De acordo com Saraiva (2011), boa parte das faculdades tem se convertido em centros efetivos de negócio, processo que transforma os estudantes em meros clientes, atraídos pelas facilidades do ingresso e afoitos em adquirir um título de formação superior. Nesse quadro, a educação deixa de exercer o seu princípio básico, a emancipação, e se apresenta de modo a atender a expectativas mercantis, em que ora o aluno se apresenta como um produto, sendo moldado de acordo com as formas necessárias ao trabalho, ora como um cliente que, ao contratar um serviço com as faculdades, deve ser satisfeito em as suas necessidades.

Não é acaso que o ensino seja lastreado no aprendizado de técnicas e métodos, em consonância com as práticas e resultados instrumentalmente aspirados pelas organizações. Fica em segundo plano, assim, a possibilidade de contribuição para a formação de um indivíduo crítico e reflexivo, um espírito-livre, responsável pelos seus próprios julgamentos, de acordo com a eticidade de Nietzsche (1999). Trata-se de um quadro preocupante, em que a formação superior, que deveria proporcionar um ambiente de reafirmação do homem como um ser criador, torna-se um meio que prioriza as demandas do mercado, onde o estudante é moldado de acordo com as suas especificações, deixando transparecer que a ética sobre a qual debruça tal formação, constroi-se distante do que é propriamente humano, uma ética mercantil, na qual o senso humano é colocado à revelia dos fins capitalistas.

Considerando que a ética está atrelada à capacidade humana de conduzir julgamentos, os quais afetam nas decisões e ações humanas, e tendo em vista que o administrador é um ator social que se vê envolvido constantemente em tomadas de decisão, as quais devem ser revestidas de senso de responsabilidade, pode-se dizer que é substancial compreender as representações que esse profissional apresenta, e como as mesmas se relacionam à ética e a sua formação. Após essa introdução, serão apresentadas considerações teóricas sobre a ética, a formação do administrador e as representações sociais. Em um segundo momento a metodologia será descrita, de maneira a esclarecer como o estudo foi construído. A terceira seção apresenta a análise dos dados, o que precede as considerações finais.

Uma aproximação do conceito de Ética

O conceito de ética está atrelado à definição de moral, o que historicamente tem levado a algumas confusões semânticas na definição do que seria ética. De acordo com Srour (2005), num primeiro momento, a moral – sistemas de normas que expressam valores socialmente aceitos – era compreendida como uma espécie de “substituta” da ética. Segundo o autor, essa permutação, deu-se por dois motivos: pelos cursos de “moral e cívica”, ministrados obrigatoriamente no período de ditadura militar e pela secular moralidade figurante no Brasil. Assim, a ética viu-se descomprometida com o seu fim, o estudo e reflexão dos fenômenos morais, mais exatamente, as morais históricas, quando confundida com os elementos empíricos a serem observados e explicados.

Já num segundo instante, surge outra confusão, que se firma sobre o pressuposto da existência de uma moral “única”, abstrata e universal, apresentando os sistemas de valores e normas morais, como não-históricos e plurais. O desmantelamento dessa colocação é de fácil entendimento, uma vez as sociedades se refazem no tempo e no espaço, fazendo-se as morais

múltiplas e dinâmicas, portanto. Assim, o que é considerado ético em um contexto pode não o ser em outro (MARCONDES, 2007). Em consonância com tal afirmação, Vasquez (2003), coloca que a função fundamental da ética é semelhante à de toda teoria que é o de esclarecer ou investigar uma dada realidade, elaborando os conceitos adequados. Assim fundamenta também o campo da ética como algo além da moral efetiva e que não se limita a um determinado aspecto temporal. A terceira confusão, conforme Srour (2005), parte do senso comum, ao associar a ética a um valor específico, por exemplo, o “caráter” das pessoas. Desse modo o objetivo da ética seria a análise das condutas, a partir de determinados valores. Nesse sentido, o ser humano considerado “boníssimo”, seria também ético, uma vez que esse valor estaria enlaçado à idéia do bem, altruísta. Percebe-se nessa perspectiva certa ingenuidade, uma vez que desconsidera os interesses e desejos humanos.

Srour (2005) define a ética como uma disciplina teórica, que estuda os costumes das coletividades e as suas morais, procurando libertar as pessoas da prisão do egoísmo, levando-as a se importarem com os efeitos de suas ações sobre os outros. De acordo com Soares (2005), a finalidade da ética se refere ao ser humano enquanto ser racional, de forma que, à medida que se constroi a teoria sobre o homem, simultaneamente se estabelecerá a teoria da ordem política. Para Vasquez (2003), tal proposição pode ser entendida a partir da visão aristotélica, a qual considera que não se pode pensar no homem forado espaço político.

Para Aristóteles (2002), a política se manifesta como o mundo propriamente humano, onde será possível a compreensão de si mesmo. Entretanto, Polli e Vares (2004) colocam que esta sua dimensão política é apenas uma de suas facetas. Antes de ser um “animal político”, o homem é um ser social. Nesse sentido, esses autores discorrem que um ser social deve ter em vista o conjunto de prescrições que regem essa vida social, a moral efetiva, mas não deve ater a sua liberdade a ela. Do ponto de vista Kantiano, colocar o homem como meio parece ser profundamente imoral, uma vez que todos os homens são fins em si mesmos e como pessoas morais parte do mundo da liberdade ou do reino dos fins (VÁSQUEZ, 2003). Pode se concluir diante de tais exposições, uma máxima que sobressai, o sentido do caráter humano atribuído à ética, além disso, a reflexão necessária para a sua expressão, como um meio de alcançar a compreensão de si e a liberdade, onde o homem é um fim em si mesmo. Em oposição a essa perspectiva da ética, tem-se a ética da finalidade, na qual o homem é apresentado como um meio para o alcance de resultados altruístas (SROUR, 2005), o que será abordado na seção seguinte.

Correntes e vertentes da ética

De acordo com Marcondes (2007), têm-se três dimensões distintas em que a ética pode se apresentar: o sentido básico ou descritivo da ética, o qual emana do conceito de *ethos*; o sentido prescritivo ou normativo, abarcando vários preceitos que pregam e afirmam valores e deveres, desde os mais complexos aos mais específicos; e o sentido reflexivo ou filosófico, sobre ao qual se direciona esse trabalho, que trata das teorias ou concepções filosóficas da ética, visando identificar e dialogar sobre os pilares que fundamentam os sistemas e práticas, analisando as definições e valores que lhes pretendem sustentar.

A reflexão sobre a ética, de acordo com Srour (2005) delineou duas teorias, a primeira da convicção ou deontologia (tratado dos deveres) e a da responsabilidade ou teleologia (estudo dos fins humanos). Assim, no plano mais metafísico da teoria situam-se a ética da convicção e a ética da responsabilidade; já no sentido do mundo aparente, das ações, para o plano histórico das coletividades, operam as morais (SROUR, 2005).

De acordo com Srouf (2005), a corrente da convicção se apóia numa ética do dever, do incontestável, uma vez que seus princípios e seus ideais apresentam-se aos agentes como obrigações homogêneas, suscetíveis de uma só forma de interpretação. Em consonância, Ferrel, Fraedrich e Ferrel (2001) apresentam variações na determinação do que seria a ética, e expressam uma conceituação baseada na conduta humana, sobre o que é certo e do que é errado. O que vai ao encontro do sentido prescritivo ou normativo, quando pré-determina valores e deveres. Srouf (2005) sustenta que embora as obrigações se imponham aos agentes, estes não perdem seu livre arbítrio nem deixam de dispor de variadas opções, podendo assim escolher outros caminhos.

Na corrente da ética da responsabilidade, de acordo com Srouf (2005), é possível aos agentes realizarem uma análise situacional e avaliarem os efeitos previsíveis que uma ação produz. Percebem-se as variadas morais e o seu contexto, mas não se deixa levar pelo seu caráter imperativo e punitivo. Tendo em vista o conceito apresentado por Paulino (2003), essa ética apresenta o homem como um meio, quando são os fins que se sobrepõe sobre ele. Nesse sentido, não importam os meios necessários, ora a representação que o ser humano terá que assumir, quando o mesmo é colocado como um instrumento, o qual deve se direcionar pelo o alcance de objetivos preestabelecidos. Assim, a reflexão na ética da responsabilidade, faz-se vinculada a uma análise de custos e benefícios.

Nietzsche e a ética

Passos (2004) situa o pensamento ético de Nietzsche na época contemporânea, marcada pelo avanço da ciência e valorização do ser humano concreto. Sua perspectiva pressupõe uma ética centrada em valores absolutos, onde o ser humano está no seu começo e no seu fim. De acordo com Pearson (1997), as obras de Nietzsche tratam das mais eminentes questões sobre o que significa ser humano, e nesse sentido, retratam o homem como o animal que questiona. Tal questionamento existencial a respeito da identidade humana é associável a uma compreensão da história, principalmente a da moralidade, da cultura e da política.

Na busca pela compreensão da história da moral, Nietzsche propôs uma transvaloração dos valores, principalmente os valores cunhados pela moral cristã, uma doutrina baseada no alcance da ética por meio da arte, a qual a batizou de Dionisíaca (NIETZSCHE, 2005), em referência ao Deus grego Dionísio. A esse respeito, Marcondes (2007, p. 7), expressa:

Particularmente no caso da ética, procura mostrar que ela não se fundamenta na razão. A moral cristã se caracteriza pela “moral do rebanho”, em que os indivíduos se deixam levar pela maioria e seguem os ensinamentos da moral tradicional de forma acrítica... E, por isso reprimem seus impulsos vitais, sua vontade, sua criatividade, em nome da submissão à autoridade da religião e, por extensão, do Estado e das instituições em geral.

Nietzsche acreditava que a personalidade artística trágica do ser proporcionava um meio para se atingir a verdade (PEARSON, 1997). Assim, não era possível um ser baseado numa moral do bem e do mal, marcada pela pura e simples aceitação de valores pré-estabelecidos, sem uma alusão à história de sua origem, dos seus princípios e para quais fins os mesmos se prestam. Para ele, os indivíduos que alcançassem esse fio da criação, do auto-questionamento, estariam mais preparados, para se tornarem senhores de suas próprias vidas. Nietzsche (1999, p. 333) assinala a existência de duas morais, a moral de senhores e a de escravos: “as diferenciações morais de valor nasceram, seja sob uma espécie dominante, que se sentia bem

ao tomar consciência de sua diferença em relação à dominada – ou entre os dominados, os escravos e dependentes de todo grau”.

A partir dessa moral de “senhores”, definida por Nietzsche como superior, surge nos seus escritos a exaltação do “super-homem”, um ser que transpassa os valores estabelecidos por meio de uma reflexão sobre a origem dos mesmos. Esse indivíduo se autodefine, se julga responsável pelas suas escolhas e consciente sobre o cenário onde atua, uma vez que é um ser artístico e, assim, pleno na sua capacidade de criar e transformar, se põe a construir o seu caminho de modo interativo. O super-homem Nietzscheano é um ser social, uma vez que, ao possuir uma percepção do contexto social no qual está inserido, se refaz numa postura ética, responsabiliza-se, se compromete e não apenas se deixa levar pelos fatos que a ele se colocam sem uma prévia reflexão sobre os seus fins. Os por ele denominados de “escravos” aceitam o sentido dos valores e a ordem dos fatos e se deixam manipular por uma carência de instinto artístico que lhes impulsionem a refletir sobre a sua situação, reivindicá-la, transgredi-la, enfim. Esses homens se concebem sem valores, sem identidade, e não são conscientes quanto ao seu papel social, transitando nas sombras dos que se apresentam como superiores a eles e buscam reproduzir suas ações. São seres conformados, na condição do sistema de escravidão e, talvez por isso, nunca perceberão o contexto desse sistema e o que eles representam.

Assim, a moral dos escravos se faz baseada no utilitarismo e, diferentemente da moral dos senhores, aquela se constroi a partir de um anseio por liberdade, um instinto por felicidade, situada no alcance dos desejos materiais, na posse, ela é instrumental. Nesse sentido, Pearson (1997, p. 22) expõe a sua visão quanto à postura de Nietzsche, sobre o individualismo moderno, atentando que esse seria capaz de ocasionar em uma preocupação egoísta, de objetivos puramente egoístas:

Para Nietzsche, o perigo é que a sociedade perderá de vista a importância da cultura e deixará o filistinismo dominá-lo. A sociedade torna-se composta por um rebanho de “últimos homens e mulheres” preocupados apenas com a “felicidade” (compreendida no sentido da satisfação dos desejos materiais) e que não podem conceber nada mais elevado ou mais nobre além (uber) de si próprio. Essas pessoas já não desejam desenvolver-se, correr riscos e empenhar-se em experiências, mas procuram apenas uma obtusa e segura existência “burguesa”.

Diante disso, vê-se que a eticidade de Nietzsche situa-se distante da teoria da ética da finalidade. Quando expõe o seu “super-homem”, demonstra a colocação do ser humano, no seu começo e no seu fim. Assim, abomina o individualismo contido nas ações dos homens modernos e o seu interesse em alcançar objetivos egoístas, em descrédito da cultura e da autonomia humana. Segundo Pearson (1997), Nietzsche não concebia a uma sociedade estruturada sobre valores morais absolutos compreenderem a economia geral do todo, assim como não considerava que uma sociedade simplesmente estabelecida sobre valores instrumentais e utilitários estaria apta a uma definição adequada de cultura.

A questão da formação do administrador

No contexto contemporâneo, poucos elementos são mais instrumentais e utilitários como a administração, terreno em que se destaca a formação do administrador. De acordo com Nicolini (2003), a regulamentação do ensino e o “milagre econômico” proporcionaram o aumento da demanda pelos os cursos de bacharelado em administração. Para ele, a ajuda do governo fez com que essa demanda fosse atendida, caracterizando a expansão do ensino superior no país, quando vários profissionais foram formados em faculdades isoladas e

privadas. Esse processo não é novo. Na década de 1980, Prestes Motta (1983) já apontava que o processo a que são submetidos os cursos de administração evidenciava interessantes conexões entre o processo produtivo e o processo pedagógico no caso brasileiro.

Saraiva (2011), expressa que, nos últimos tempos, as faculdades de administração tornaram-se centros de negócio. As instituições de ensino superior perderam seu compromisso com a finalidade básica da educação, a emancipação, em detrimento da lógica capitalista, que clama por lucro. Nessa linha, Nicolini (2003) compara o processo de formação de administradores a um processo produtivo, considerando o aluno como um insumo que ingressa nas faculdades e passa pela transformação, ao longo da “linha de montagem”, que age sobre ele o currículo pleno e no final, torna-se um produto, o administrador.

Tendo em vista a elevada demanda, a maior parte das faculdades tem frágeis processos de seleção de estudantes aptos a cursarem o ensino superior, possibilitando o ingresso de uma população estudantil muita heterogênea e, em muitos casos de baixíssimo preparo intelectual (SOUZA-SILVA; DAVEL, 2005), o que constitui um desafio para o docente, que deverá “ajustar” a sua ação pedagógica. Diante disso, há um dilema relacionado à formação de administradores, voltado à manutenção do sistema pela condução de um processo educativo pouco crítico e despolitizado. Assim, observa-se um cenário onde as escolas de administração e o mundo empresarial, embora afirmem a busca da mudança, estimulam o conformismo e o conservadorismo, e a formação de clones (AKTOUF, 2005). Nesse sentido, McLaren (2000) afirma que o escopo atual da educação superior a coloca em uma estratégia de mercantilização, conformando-a a flexibilidade necessária ao trabalho. De acordo com esta afirmação, pode-se ter na formação, a construção de um perfil de administrador alinhado as exigências das práticas organizacionais.

A gestão da excelência e a figura do administrador

Para Melo (1996) o final dos anos 1960 marca o início de grandes transformações no sistema capitalista de produção mundial que passa a afetar sobremaneira o mundo do trabalho. Para lidar com esse quadro, foram adotadas novas formas de administração – baseadas na qualidade total, no enxugamento de efetivos, na mudança da estrutura organizacional, na redução dos níveis hierárquicos, na terceirização de serviços, na informatização, na automação da produção, entre outros – que impõem mudanças radicais na função gerencial (DAVEL; MELO, 2005).

O foco em excelência (PETERS; WATERMAN, 1984) se apresenta como produto da “administração da excelência”, uma forma desconhecida até então, de “deificação-heroificação” do dirigente (AKTOUF, 2005). Esse ser, aqui chamado de “super-coisa”, a partir de uma identificação com a organização, atribui personalidade à mesma e, por conseguinte, se faz numa coisificação necessária, alienando-se. Nesse contexto, o indivíduo é envolvido em um jogo, onde assume a sua “natureza” esportiva de ganhador (FREITAS, 2000), a fim de manter a organização viva. E assim valores como sucesso e ambição, preenchem a angústia de vazio de um indivíduo coisificado, que se vê condenado a vencer, como um meio de se fazer visível a organização (PAGÈS et al., 1987). Tal performance de vitória se dá também pela coisificação do empregado. Eles são convidados a “participar”, a contribuir para inovação, para a “qualidade total”, mas enquanto os dirigentes representam os heróis, os primeiros são elevados a “objeto de gestão” (AKTOUF, 1995).

Freitas (2000) coloca que o indivíduo se vê nas organizações com a sua identidade sempre em xeque, uma vez que ela só admite como o sucesso o excelente. Assim, caso o indivíduo não seja

diariamente esse quebrador de recordes, ele será um João-ninguém, um morto-vivo, sem identidade, sem autoimagem e reconhecimento. Percebe-se assim, que a identificação do administrador nesse meio, estaria atrelada aos resultados organizacionais. Tendo em vista tais afirmações, tem-se uma personificação do inanimado, onde a organização passa a ter vida própria e o indivíduo torna-se coisa na empresa, um objeto a serviço da manutenção organizacional, alienando-se. Já não interessa, o “por que” dos fatos, uma reflexão sobre as finalidades e os critérios reais dessa busca incessante dos objetivos organizacionais, e para quem ela se faz, quando se impõe a si mesmo que é preciso alcançá-los, isto é, “é preciso vencer” (PAGÈS et al., 1987). Enriquez (1997) coloca que, nesse jogo, o único vencedor é a organização, que recebe, assim, um acréscimo de legitimidade, quando os indivíduos se conformam ao ideal por elas colocado. Para ele o que se tem nas organizações são heróis “frágeis”, o que coincide com a visão de Nietzsche sobre os homens modernos.

Nesse sentido, vê-se na ação do estudante ao aderir ao papel de cliente na sua formação, um comportamento semelhante ao indivíduo na empresa, descrito por Pagès et al. (1987). O autor fala sobre um “pacto com o diabo”, onde o indivíduo renuncia a si mesmo, na ilusão de superar-se, mas não por meio de uma emancipação, mas de uma escravidão. Ele se deixa dominar na ilusão de um poder concebido pela empresa, isto é, um poder que está além do seu domínio. Esse conceito abarca, no contexto da excelência, uma organização onde cada um tentaria apenas se auto-superar, tornando-se a cada dia um “guerreiro”, seguro do que faz, pois combate pela boa causa de uma empresa (LIMA, 1995). Essa seria incapaz de se enganar e de enganá-lo, recompensando-o pelo empenho.

Considerando que o super-homem Nietzscheano parte do princípio da busca pela emancipação por meio da autoafirmação do ser, numa postura de “senhor” perante a vida, a partir de uma “vontade de poder” (NIETZSCHE, 1999), a qual se faz limitada ao próprio indivíduo, quando o mesmo se vê como criador dos seus próprios valores. Nesse meio prolifera-se a liberdade, e espera-se que o indivíduo tenha um espírito forte, um espírito-livre (NIETZSCHE, 1999), cabível de reflexão e capaz de cunhar os seus julgamentos. Já o “super coisa” e a busca do seu poder, faz-se atrelado aos valores da organização, e as suas ações estão ligadas a executar “aquilo que lhe agrada” (PAGÈS et al. 1987, p. 165). Assim, apresenta-se sem autonomia, como um escravo, subjugado aos ditames da empresa, totalmente coisificado, e em contrapartida reprime o seu aspecto humano, do homem que pensa, julga e constroi, quando o seu poder e a sua capacidade de agir, se faz restrita ao julgamento da utilidade organizacional. Dessa forma, tem-se aqui um ser humano que se fez “coisa”, com aspirações divinas, nesse sentido limitado e absurdo, se ainda um simples mortal e irreflexivo, que espelha a imagem da finalidade capitalista (PAGÈS et al., 1987), a qual aponta para uma ética nada humana.

Método

Essa pesquisa se baseia em abordagem qualitativa para investigar as relações entre a ética e a formação do administrador. Trata-se de um estudo descritivo, baseado em entrevistas semi estruturadas individuais, efetuadas junto a 12 discentes e cinco docentes do curso de administração de uma instituição de ensino privada localizada em uma cidade de Minas Gerais. Como existem diversos estágios durante o curso, acredita-se que as representações sociais são alteradas à medida que se avança no curso. Adotou-se na seleção as categorias de iniciantes (1º e 2º períodos – códigos: I-1 a I4), veteranos (3º ao 6º períodos – códigos: V-1 a V-4) e formandos (7º e 8º período – códigos: F-1 a F4), na proporção de quatro alunos para cada segmento. Quanto aos docentes, abordaram-se apenas os que tinham mestrado

concluído na época da pesquisa, uma vez que além da de docentes, representam um profissional da área específica. Foram codificados de M-1 a M-5.

Os dados deste objeto de estudo foram coletados por meio de pesquisa de campo baseando-se na realização de entrevistas semi-estruturadas, gravadas e transcritas na íntegra, a partir de um roteiro composto por blocos temáticos aderentes à temática. O tratamento dos dados foi realizada por meio da análise de discurso. Os principais procedimentos empregados foram a análise da seleção lexical, a observação da sintaxe discursiva, e a avaliação do que é explícito e implícito no discurso, conforme roteiro utilizado por Carrieri et al. (2009).

As limitações da pesquisa foram: a) dificuldade de acesso a todos os docentes com mestrado, o que ocasionou diminuição na quantidade pretendida de sujeitos (de 10 para cinco); e b) restrição temporal, para a realização de todas as entrevistas planejadas com os discentes, fazendo o número fosse reduzido para 12 (a intenção original era de 15).

Análise de dados

Relações na faculdade: processo seletivo e implicações para a formação de administradores

Para ingressar numa faculdade, um discente, de acordo com as suas expectativas, deve escolher um curso, uma instituição de ensino, e prestar o vestibular. O fragmento discursivo (1) demonstra a representação do discente frente à escolha do curso superior, e enfim, ao selecionar o curso de administração, demonstra uma ação utilitarista, e, além disso, associando tal opção a um meio mais fácil de alcançar um emprego:

(1) Foi terrível, por que primeiramente eu não ia fazer administração, ia fazer Ciências Contábeis, depois fiquei um pouco desanimada por causa do mercado, depois ia fazer Direito, só que Direito eu também achei um pouco apertado e escolhi administração por que tem um... mesmo que eu não gostasse “tanto”, era o que me fornecia, tinha um mercado mais amplo, o leque de oportunidade de emprego de administração é muito bom, tem um mercado muito grande (I-4).

A sequência da utilização das seleções lexicais “um pouco desanimada por causa do mercado”, em seguida “só que Direito achei um pouco apertado” e “e escolhi administração”, caracterizam o curso de administração como possibilitando maior inserção profissional. Entretanto isso ocorreria por meio de uma formação frouxa, pouco exigente quando comparada a outras áreas como Direito, tomadas como mais complexas.

Um dos formandos entrevistado não responsabiliza apenas a faculdade pela falha no processo seletivo, aponta a responsabilidade do corpo docente e ainda apresenta como isso afeta as práticas de ensino e o aprendizado na sala de aula, conforme o texto (02):

(2) O fato dela e as de todas as outras faculdades que hoje não estão tendo processo seletivo é como era antigamente que selecionava realmente os alunos para estar ingressando na faculdade, acho que isso vai diminuir ainda mais o nível de ensino da faculdade, e infelizmente isso deixa para a população uma situação desconfortável, porque as pessoas pensam que a instituição está pensando só na vantagem financeira e realmente cai em descrédito os méritos que a organização e que a instituição tem... Eu acredito que esse processo seletivo é uma forma falha de selecionar os alunos... Acredito que é uma falha do corpo docente, acredito que deve ser responsabilidade deles essa parte, acredito que... Se misturam alunos com bons conhecimentos alunos com

conhecimentos médios e conhecimento ruim, você vai ter com certeza vai ter um resultado não tão bom, você vai ter que fazer uma média dentre os alunos dentro da sala e isso vai cair o nível de aprendizado dos alunos (F-1).

O discente representa a sua insatisfação quanto ao afrouxamento do vestibular e, além disso, como tal fato reflete na sua formação. Primeiro pelo fato de a faculdade representar uma empresa que está só visando essa “vantagem financeira”, isto é, que não possui um compromisso com a sua formação. Segundo, no sentido dos vestibulares, quando permitem o acesso de alunos com capacidades diversas, e assim diminuem o nível de aprendizado na sala de aula. Nesse contexto, no fragmento discursivo (03) é possível associar a representação do docente a um prestador de serviços, que diante das necessidades do seu cliente, projeta o seu trabalho de maneira a satisfazer essas necessidades:

(3) “Quanto menor for o nível intelectual, de conhecimento, dos entrantes, maior é o trabalho do professor para elevar o nível dessa turma (...) um processo na verdade de tentar achar um nível, basicamente nivelar (...) mas eu tenho que me adequar... No dia que eu der 20% do que eu posso dar de aula, ninguém passa, eu tenho que me adequar a minha realidade...” (MA-2)

Num mesmo sentido, ao discorrer sobre a questão do vestibular, o docente reconhece a influência desse enfraquecimento do processo seletivo na formação dos administradores, e como tal acontecimento acarreta na sua atuação, colocando-se como um profissional que vai ter que se adequar, tal como apontam Souza-Silva e Davel (2005). O que o forçará a utilizar técnicas que nivelem os estudantes, uma vez que explicita não lecionar o mínimo necessário.

Nesse sentido, outro docente apresenta-se como um profissional envolvido numa relação de mercado. No fragmento discursivo (04), é possível perceber a representação do docente como um prestador de serviços, analisando o seu posicionamento no mercado, em relação ao seu cliente, ora produto:

(4) “Grande diferencial do professor, é identificar o perfil da turma, os conhecimentos que aquela turma possui, quais são as suas demandas e tentar agregar o máximo de conhecimento possível para aquela turma, tentar passar para aquela turma os conhecimentos necessários que o professor leciona.” (M-3).

Quando o entrevistado usa termos compreendidos no mercado como “diferencial”, “perfil”, “demanda”, “agregar o máximo”, compreende o estudante ora como produto, ora como cliente que deve ser satisfeito, a partir da análise do seu perfil e das suas necessidades. Há uma substituição de termos na expressão de mercado “agregar valor” para “agregar o máximo de conhecimento”, como que implicitamente a expressão “o máximo de conhecimento”, somada à expressão “necessários”, no final do fragmento (04), destacasse ainda mais o senso utilitário, dessa relação.

Observa-se nos fragmentos discursivos (01), (02), (03) e (04), discursos que vão de encontro à nova característica de centro de negócios das instituições de ensino superior (SARAIVA, 2011). Essas organizações apresentam processos seletivos enfraquecidos, e investem em marketing, a fim de atenderem às demandas de discentes afoitos a experimentarem uma noção de “mercado amplo”. Em contrapartida, cai a atenção à formação ampla, no sentido da obtenção de um conhecimento geral. É nítido nos fragmentos discursivos como tal postura das faculdades influencia as representações dos discentes e docentes. Tem-se o docente refletindo sobre as suas práticas pedagógicas, entretanto de modo condizente com a situação

apresentada, mostrando-se conformado, o que é contrário à expectativa de mudança pedagógica colocada por Aktouf (2005).

Significados da formação superior de administradores

O ensino superior, mantido no seu significado original, deveria proporcionar ao discente a oportunidade de amadurecimento de pensamento, e enfim uma emancipação quanto a sua capacidade de refletir e agir sobre o mundo. No entanto, o fragmento discursivo (05), apresenta um discente, que relaciona a sua formação superior, a uma necessidade no mercado de trabalho.

(5) Hoje eu acredito que todo profissional que quer ter sucesso numa empresa precisa fazer o curso de graduação numa faculdade, numa universidade... (V-1).

Percebe-se no texto (05), uma postura instrumental em relação ao ensino superior, como se fosse um requisito para o alcance de um status no meio empresarial. Já no fragmento (06), o entrevistado se mostra desencantado, explicitando que as faculdades perderam o seu compromisso com o ensino, em detrimento do fator econômico:

(6) “Bom quando eu era menor... eu via a faculdade como um berço do emprego, que quando estivesse lá e saísse de lá você sairia alguém realmente, mas hoje infelizmente eu acho que o ensino no país perdeu esse foco... acho que esta se vendendo mais diplomas do que conhecimento. Acho que os alunos não estão saindo com o preparo que deveriam ter, as escolas acredito que muitas estão mais preocupadas com o fator financeiro, que o conhecimento.” (F-1).

O entrevistado deixa claro que já não acredita mais que o ensino superior garante um emprego (seleção lexical “eu via a faculdade como um berço do emprego”) e, além disso, relaciona o ensino superior a um status no seu meio social (“quando eu saísse de lá você sairia alguém realmente”). Entretanto, não mais acredita nisso, pois vê as faculdades com uma mera preocupação com o fator financeiro (“as escolas acredito que muitas estão mais preocupadas com o fator financeiro, que o conhecimento”). Além disso, compara o ensino a uma indústria (seleção lexical “as faculdades estão virando umas indústrias de alunos, uma indústria de conhecimento, acho que esta se vendendo mais diplomas do que conhecimento”). Nesse sentido, percebe-se a influência da visão de mercado na formação de administradores, onde ora o aluno representa o produto (de uma indústria de alunos), ora o cliente (de uma loja de diplomas).

A ética e a formação do administrador

A ética vem com a capacidade que um indivíduo possui de refletir e agir de acordo com os fenômenos morais. O ambiente de formação superior deveria estimular a autonomia do aluno como modo de fazer prevalecer o princípio básico da educação, a emancipação. No fragmento discursivo (07), é explicitada a formação do administrador sem a preocupação com o caráter de emancipação do estudante:

(7) Pois não adianta você criar um curso extremamente acadêmico, lindo e maravilhoso, vão fabricar aqui produtores de artigos científicos, não criticando, por que eu também produzo artigo científico, mas a empresai não quer saber se você é muito bom nessas coisas, você tem que saber entrar e

operar, a parte prática (MA-2).

O entrevistado menciona uma formação que deve atender às expectativas do mercado “a empresa não quer saber se você é muito bom nessas coisas, você tem que saber entrar e operar, a parte prática”. Quando utiliza explicitamente a expressão “operar”, ela é implicitamente associada à execução operacional, mecânica e acrítica do trabalho, à “parte prática”. Nesse sentido, tal formação não espera que o estudante seja responsável pelo seu próprio aprendizado, mas que aprenda as técnicas necessárias para a operação e, assim, reproduza os ensinamentos do mestre, mas não seja capaz de pensar nada de novo. A ética é submetida ao mercado e a sua finalidade, o lucro, evidencia uma formação embasada na ética da finalidade, contrária à perspectiva de Nietzsche (1999), que exalta os indivíduos a serem “senhores de si mesmos”. Vê-se uma conformidade teórica na formação, que deve incorporar tudo o que agrada as organizações, em descaso de uma formação crítica e humana, defendida por Aktouf (2005).

Já no fragmento (08), o entrevistado retrata de maneira explícita, a formação que é oferecida aos administradores e sobre qual fim ela se debruça.

(8) Não, no Brasil nós não formamos líderes, a gente forma operário. O líder pensa, o líder é um cara que não precisa ser motivado, ele é auto-motivado, nós não formamos isso, e não é só essa instituiçãoii (...) (MA-2).

O entrevistado fala claramente que a formação atual não parte de um princípio emancipador (seleção lexical “nós não formamos líderes, a gente forma operário”). E mais, explicita que “o líder pensa”, sugerindo, implicitamente, antagonismo ao operário, que não pensa. Assim como se tem no fragmento (07), o docente enuncia de forma implícita subentendida que a formação do administrador ocorre por meio de uma relação entre professor e estudante, onde o primeiro deve transmitir as técnicas e o segundo, assistir e aceitá-las. Mesmo que o entrevistado tenha a consciência que o administrador deveria ser um líder, “pensar”, o docente vê que isso não é o esperado pelo mercado, e desse modo, tudo passa a ser configurado de acordo com as expectativas mercantis.

No fragmento (09), o estudante percebe esse contexto, em que é tratado como um mero expectador:

(9) Tem alguns professores que jogam muito slide, e depois a aula acabou, né, aí é um pouco complicado (V-4).

A seleção lexical “professores que jogam muito slide” deixa implícita uma falta de compromisso com a didática e a expressão “e depois a aula acabou” explicita pouca coerência na aula, como se a apresentação dos slides, não fosse acompanhada de uma interação entre professor e estudante. O depoimento sugere um contexto didático em que o compromisso docente é “passar” o conteúdo, deixando ao estudante o papel de apenas assisti-lo. Em outro extremo, o estudante se apresenta como um ser que precisa ser compreendido pelo professor, quando o mesmo possui outros papéis, além do espaço acadêmico. No fragmento discursivo (10), o entrevistado se apresenta como um ser frágil, diante da postura dos docentes:

(10) Alguns professores realmente, não têm ética, são arrogantes, arrogantes, entendeu, acham que o aluno só estuda e o aluno não estuda apenas. O aluno trabalha, o aluno mora fora, o aluno tem filho, o aluno tem família para cuidar. Eu acho que isso deveria ser levado em conta, sim, deveria ser levado em conta, sim (V-3).

O trecho “acham que o aluno só estuda e o aluno não estuda apenas”, assinala o papel desempenhado pelos os discentes nessa formação. Um indivíduo que possui uma rotina diária, na qual tem vários papéis, e no final do seu expediente, vai ocupar um espaço numa sala de aula na faculdade, mas que já não quer assumir o seu papel de estudante e, desse modo estudar. Ao contrário, quer ser tratado como um operário (“trabalha”), um viajante (“mora fora”), um pai (“tem filho”), ora uma dona-de-casa (“família para cuidar”). Nesse contexto, em que o estudante já incorporou o papel de expectador, espera-se que, a partir do ensino superior, sejam tolerados seus outros papéis. Isso sugere alguém que vai à faculdade com a esperança de encontrar professores “compreensivos”, que “moldem” as suas práticas as necessidades dos estudantes.

Considerações finais

O objetivo nesse artigo é discutir a formação do administrador levando em consideração a perspectiva moral do super homem de Nietzsche. Em face dos dados coletados em uma pesquisa qualitativa baseada em entrevistas semi estruturadas individuais com cinco docentes e 12 discentes do curso de administração de uma instituição de ensino superior privada, a pesquisa revelou quanto às representações sociais dos discentes e docentes em relação à profissão do administrador, a identificação desse profissional com atores sociais que possuem atividades relacionadas ao “executar, fazer”, em detrimento do “pensar”, de modo a considerar essa profissão associada ao trabalho técnico e operacional.

Em relação à formação do administrador, pode-se perceber que os docentes e discentes, identificam a sua formação embasada sobre o contexto empresarial, evidenciando uma preocupação preponderante com as demandas organizacionais, uma vez que relacionam o êxito do administrador na sua profissão ao alcance dos resultados na empresa. Assim, aflora a ética da finalidade nessa formação, em detrimento de uma formação humana e crítica. Nesse contexto as pessoas são valorizadas, quando são as mesmas, os meios que vão garantir os resultados, e não por que merecem valor por si só, como seres humanos.

Quanto ao aprendizado, os docentes se apresentam prontos para se adequarem às deficiências presentes na formação dos estudantes, o que estrutura a mercantilização da educação, com pouca preocupação com o seu fim básico, a emancipação. Já os discentes ora se enxergam como “clientes oprimidos”, quando consideram as faculdades preocupadas com o fator financeiro, ora como “clientes satisfeitos”, quando avaliam a faculdade, e se vêem envoltos de um arcabouço de serviços que viabilizam um ingresso rápido e fácil no mercado de trabalho.

Quanto à ética, se envolvida no contexto de formação e profissão do administrador, passa a ser regida pelos os resultados organizacionais, evidenciando a finalidade. Nesse sentido, vê-se que a identificação ocasionada pela profissão se sobrepõe à identificação pessoal. Pode-se concluir, assim, que uma formação embasada sobre um contexto que preza relações comerciais, gera representações a elas ajustadas. Assim emerge uma formação técnica e instrumental em que a ética da convicção é rejeitada, em favor de uma ética submetida aos fins organizacionais. Entretanto, tais relações e implicações vão além das esferas organizacionais, quando analisadas sob o enfoque da racionalidade instrumental e do sistema econômico que a subsidia. Assim, é oportuno perguntar: para quem realmente se produz, nesse formato, essa formação? E, por conseguinte, será realmente de interesse que se tenha

uma ética da convicção, nesse meio, que embase, de fato, o social?

Já se faz à hora de responder tais indagações, e a partir daí buscar novas propostas para a formação do administrador, as quais abarquem uma roupagem mais crítica e humana. Nesse sentido, a ética de Nietzsche considera o ser humano como “senhor de si mesmo”, capaz de cunhar os seus valores, contribuindo assim para outra formação, em que o indivíduo é instigado à autonomia e a reflexão, similarmente à pedagogia da mudança de Aktouf (2005). A formação do administrador não pode se ater apenas à reprodução das práticas organizacionais; deve ser ampla e, assim, interdisciplinar.

Referências

AKTOUF, O. Ensino de administração: por uma pedagogia para a mudança. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 12, n. 35, p. 151-159, out./dez. 2005.

AKTOUF, O. A administração da excelência: da deificação do dirigente à reificação do empregado (ou os estragos do dilema do rei Lear nas organizações). In: DAVEL, E; VASCONCELOS, J. **Recursos humanos e subjetividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 232-256.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômano**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

CARRIERI, A. P. ; SARAIVA, L. A. S.; PIMENTEL, T. D.; SOUZA-RICARDO, P. A. G. (Org.). **Análise do discurso em estudos organizacionais**. Curitiba: Juruá, 2009.

DAVEL, E; MELO, M. C. O. L. Singularidades e transformações no trabalho dos gerentes. In: DAVEL, E; MELO, M. C. O. L. (Org.). **Gerência em ação: Singularidades e dilemas do trabalho gerencial**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. Cap. 1, p. 29-65.

ENRIQUEZ, E. Os desafios éticos nas organizações modernas. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, V. 37, n. 2, p. 6-17, abr./ jun. 1997.

FARR, R. M. **As raízes da psicologia social moderna (1872-1954)**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 246p.

FERREL, O. C.; FRAEDRICH, J.; FERREL, L. **Ética empresarial: dilemas, tomadas de decisões e casos**. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso, 2001.

FREITAS, M. E. Contexto social e imaginário organizacional moderno. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 6-15, abr./ jun. 2000.

LIMA, M. E. **Os equívocos da excelência: as novas formas de sedução na empresa**. Petrópolis: Vozes, 1995. 357p.

MARCONDES, D. **Textos básicos de ética**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 160p.

MELO, M. C. O. L. O exercício da função gerencial em tempos de novas tecnologias organizacionais: da gestão profissional à gestão compartilhada. In: **XX ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**, 1996, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 1996.

NICOLINI, A. Qual será o futuro das fabricas de administradores? **Revista de Administração**

de Empresas, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 44-54, abr./jun. 2003.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Rideel, 2005. 175 p.

NIETZSCHE, F. **Obras incompletas**. São Paulo: Nova cultural, 1999. 464 p.

PAGÈS, M.; BONETTI, M.; GAULEJAC, V.; DESCENDRE, D. **O poder das organizações**. São Paulo: Atlas, 1987.

PASSOS, E. **Ética nas organizações**. São Paulo, Atlas, 2004. 184 p.

PAULINO, E. O ensino da ética em cursos de graduação em administração. 2003. 247 f. **Dissertação** (Mestrado em Administração de Empresas) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas, São Paulo, 2003.

PEARSON, A. K. **Nietzsche como pensador político**: uma introdução. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997. 239 p.

PETERS, T.; WATERMAN, R. **In search of excellence**: lessons from America's best-run companies. New York: Time Warner, 1984.

POLLI, J. R.; VARES, S. F. **Ética e profissão**: uma reflexão sobre trabalho e eticidade. Revista Análise, São Paulo, ano V, n. 9, p. 69-78, fev. 2004.

PRESTES MOTTA, F. C. A questão da formação do administrador. **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, out./dez. 1983.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995.

SARAIVA, L. A. S. A educação superior em administração no Brasil e a questão da emancipação: um túnel no fim da luz? **Gestão & Planejamento**, Salvador, v. 12, n. 11, p. 41-60, jan./jun. 2011.

SOARES, B. M. C. A abordagem da ética nos cursos de graduação em administração de Salvador. 2004. 160 f. **Dissertação** (Mestrado em Administração) – Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SOUR, R. H. **Ética empresarial**: a gestão da reputação. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

SOUZA-SILVA, J. C.; DAVEL, E. Concepções, práticas e desafios na formação do professor: examinando o caso do ensino superior de administração no Brasil. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 12, n. 35, p. 113-134, out./dez. 2005.

VÁSQUEZ, A. **Ética**. 24. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Notas

ⁱ O nome da empresa foi suprimido.

ⁱⁱ O nome da instituição de ensino superior foi suprimido.